



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE  
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA  
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

**PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS**

**TATIELE DOS SANTOS SILVEIRA**

**(depoimento)**

**2014**

**CEME-ESEF-UFRGS**

## FICHA TÉCNICA

**Projeto:** Garimpando Memórias

**Número da entrevista:** E-389

**Entrevistada:** Tatiele dos Santos Silveira

**Nascimento:** 13 de julho

**Local da entrevista:** Centro de Memória do Esporte

**Entrevistadora:** Pamela Siqueira Joras

**Data da entrevista:** 17/03/2014

**Transcrição:** Natália Bender

**Copidesque:** Silvana Vilodre Goellner

**Pesquisa:** Pamela Siqueira Joras

**Revisão Final:** Silvana Vilodre Goellner

**Total de gravação:** 71 minutos e 21 segundos

**Páginas Digitadas:** 25

**Observações:**

A entrevista integra o Programa Futebol e Mulheres, desenvolvido pelo Grupo de Estudos sobre Esporte, Cultura e Corpo (GRECCO).

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que a fonte seja mencionada.

## **Sumário**

Inserção no futebol; Influência e incentivo da família; Primeira escolinha; Treinando em uma escola para meninos; Escolinhas de futsal para meninas; Vínculo de amizade; Passagem pela equipe Camisa 10; Custos; Trajetória do Internacional; Auxílio Financeiro; Campeonatos; Rivalidade Gre-nal; Campeonato Brasileiro; Bel e Duda; A técnica das atletas mais velhas; Divulgação do Futebol Feminino; Estrutura oferecida pelo Internacional; Encerramento do time do Internacional; Trabalho na escolinha; Equipe da Duda; Organização dos campeonatos; Retorno da equipe do Internacional; Times que jogou futsal; Fase de transição do final da carreira de atleta;

Porto Alegre, 17 de março de 2014. Entrevista com Tatiele dos Santos Silveira cargo da pesquisadora Pamela Siqueira Joras, para o Projeto Garimpando Memórias do Centro de Memória do Esporte.

P.J. – Tati, primeiramente eu queria te agradecer pela disponibilidade em nos dar essa entrevista. Eu gostaria que tu iniciasses falando como aconteceu o teu envolvimento com o futebol, quando tu começou.

T.S. – Bom, eu comecei a jogar no bairro, na rua, que hoje em dia nem existe mais esse tipo de jogo acredito. Mas eu comecei a jogar com os meus amigos, amigos de bairro, fazia o time, jogava, brincava, ia para a rua brincar e ai os meninos sempre faziam uma brincadeira, qual era a brincadeira? Era o futebol, ai jogava junto, uma meninada toda que brincava na pracinha, enfim, mas foi quando eu comecei a jogar, e mais direcionado assim eu entrei na minha primeira escolhinha de futebol com onze anos.

P.J. – Mas quando tu começaste a jogar na rua, tu lembra mais ou menos que idade tinha?

T.S. – Ah, desde sempre. O meu pai jogava bola, meu pai é aquele atleta amador do fim de semana e ele ia para o campo jogar e eu ia junto, acompanhava, gostava de estar envolvida e eu sempre joguei com ele assim, na praia. Ele gostava muito de brincar, de jogar, porque como ele jogava sempre, eu acompanhava. Acabei tendo um gosto pelo jogo, por brincar com bola, dessa forma assim, com ele.

P.J. – E a tua família como via essa tua participação no futebol?

T.S. – A minha mãe sempre gostou, a minha mãe sempre me incentivou sabe; o meu pai sempre gostou que eu jogasse, eles nunca se importaram porque a gente tinha um pessoal bom da rua, era um pessoal unido, coisa de bairro mesmo, enfim, vizinho, todo mundo junto sempre e ai eles nunca se importaram.

P.J. – Isso aqui em Porto Alegre?

T.S. – Aqui em Porto Alegre. Eu morava na zona norte de Porto Alegre, e sempre foi super bacana, nunca tive problema com essa coisa de jogar com menino ou não, nada disso. Se eu estava jogando, estava brincando, estava legal, e até porque a gente tinha mais esse contato de brincadeira na rua; hoje em dia já é mais difícil, mas eu tenho o prazer de ter brincado bastante, me divertido com os meus amigos.

P.J. – E jogando era só tu ou tinham mais meninas?

T.S. – Só eu, jogando bola só eu. Em todas as outras brincadeiras as gurias brincavam junto, brinca de esconde, pega-pega, qualquer coisa as gurias brincavam, mas na hora de jogar bola só eu que jogava. Sempre iam me chamar, aquela coisa de bater em casa: “Vamos jogar”; “Vamos para a pracinha”... passavam lá e chamava eu sempre ia. Mas ai a primeira escola que eu comecei a jogar, foi com onze anos, que eu entrei em uma escola também, lá na zona norte, que era uma escolinha de futsal, como eu jogava muito na rua com os moleques, o meu pai começou: “Ah, mas eles são muito grandes e tal”... E a minha mãe, na verdade foi uma surpresa, ela marcou com uma escolinha de futebol só que era para menino, eles nunca tinham recebido uma menina, então, eu fiz uma experiência, uma semana de experiência primeiro.

P.J. – Tu lembras que escola é essa?

T.S. – Foi no Renato Cougo<sup>1</sup>, Papito, no São João<sup>2</sup>, no ginásio da Igreja São João<sup>3</sup> ali na rua Assis Brasil<sup>4</sup>. E o Renato era um cara que é ex-jogador do Grêmio<sup>5</sup>, então, a escolinha era super conceituada. Eu lembro que na época a esposa dele era a secretária, ela combinou com a minha mãe, nem eu nem os guris sabiam que era uma experiência, só elas que sabiam, que eu ia chegar e ia fazer, se os meninos aceitassem de uma forma tranquila, eu ficava, agora se tivesse uma restrição dos meninos quanto a eu chegar para treinar e tudo, alguma reclamação, sabe como é aqui né, machista, mas aí foi bom, me inscreveu, fui,

---

<sup>1</sup> Ex-jogador de futebol profissional e treinador de futebol

<sup>2</sup> Bairro da cidade de Porto Alegre.

<sup>3</sup> Paróquia São João Batista.

<sup>4</sup> Avenida Assis Brasil.

<sup>5</sup> Grêmio Foot-Ball Portense

fizemos experiência e depois que eu fiquei sabendo que era um período de adaptação, de teste na verdade, aí eu fiquei, fiquei lá no Renato uns dois anos.

P.J. – E como é que os guris te receberam na equipe?

T.S. – O início foi aquela desconfiança, de o que essa guria está fazendo aqui, porque *“guria não joga, guria não nada”*. Só que como eu tinha muita facilidade, muita habilidade com a bola, e aí tu faz um treino, joga um jogo, faz um treino, faz outro, aí foi o que aconteceu, aquela coisa de escolher o time, depois eu já começava a ser escolhida no meio, depois já era uma das primeiras a ser escolhida, daí fechou. Já não sendo a última a ser escolhida já era bem... é, e foi uma simpatia assim, foi super bacana de ser bem recebida e, claro, que a habilidade no futebol eu acho que foi um dos principais elos de ligação entre eu e os meninos, como jogava bem e jogava de igual para igual com eles, não tinha aquela coisa de *“Aí, não encosta na guria”*. Não! Jogava de igual para igual, falava, *“eu não estou nem aí, eu vou chutar a canela, mas se tu chutar a minha tudo bem também”*. E eu gostava, fui super bem aceita, mas eu tenho certeza que foi mais em função da habilidade que sabia um pouquinho jogar; claro que aprendi muito, a gente aprende muito nas escolinhas, mas já tinha uma noção e aí foi tranquilo, mas a primeira escolinha foi essa escolinha de futsal que foi com os guris. Tinha viagem para jogar na cidade de Gramado, entrava todo mundo no vestiário, eu ficava esperando, aí saía todo mundo do vestiário e a Tati ia trocar de roupa.

P.J. – Nesse campeonato tu jogavas com eles? As organizações dos campeonatos permitiam?

T.S. – Jogava junto.

P.J. – E tu lembra se haviam outras meninas nesses campeonatos ?

T.S. – Não, nessa época quando eu comecei, até quando a gente ia jogar, às vezes quando era algum torneio, os professores avisavam antes. *“Ó, a gente vai escrever uma menina e tal, mas ela tem autorização dos pais, joga de igual para igual com os guris, treina junto”*. E eu sempre participava junto com os guris, nunca fui assim, retirada, excluída de nenhuma

situação nesse momento. Até porque era escolinha, os professores até de repente se conheciam, enfim, a gente viajava, ia jogar em Novo Hamburgo, Gramado que eu lembro assim, Cachoeirinha, recebia escolinhas lá na sede para jogar e sempre foi tranquilo, mas claro que a chegada era sempre aquela coisa: “Como assim, tem uma guria jogando?” Depois que o jogo começava as coisas ficavam mais tranquilas.

P.J. – E depois dessa escolinha, tu trocou, foi para onde?

T.S. – Troquei, ai eu jogava na praia.

P.J. – Tu ficaste quanto tempo nessa escola?

T.S. – Uns dois anos. Dos onze aos treze. Eu jogava muito na praia, e ai fiz uma amizade, fiz uma amiga, que também gostava de jogar bola, em Tramandaí<sup>6</sup>, e ela morava na zona sul de Porto Alegre e eu morava na zona norte. Quando a gente voltou para Porto Alegre ela descobriu uma escolinha na Geraldo Santana<sup>7</sup>, que era a escolinha do Ortiz<sup>8</sup>, de futsal também. Porque um dos professores lá da Estação Verão<sup>9</sup> trabalhava com o Ortiz e só nós íamos jogar, todo dia de tardezinha nós íamos lá jogar, e o cara nos deixava jogar junto com os guris, ele fazia os timezinhos e as duas metidas estavam lá. E quando a gente voltou para Porto Alegre ele disse: “Vocês são de Porto Alegre?”. Então abriu a equipe feminina, daí foram as duas lá para o Ortiz, mas era uma turma fraca, não tinha atleta, não durou muito tempo, durou alguns meses. Aí nós achamos outra escolinha, que é a escolinha do Camisa 10, que era a professora Débora Carvalho<sup>10</sup>, que era uma atleta, uma mulher, era professora formada em Educação Física.

P.J. – Ela atuava em Porto Alegre?

T.S. – Aqui em Porto Alegre, era lá onde é hoje o Instituto do Ronaldinho Gaúcho, era uma associação de alguma coisa lá que eu não me lembro o nome, e era futsal também. Ela

---

<sup>6</sup> Praia do Litoral Norte do Rio Grande do Sul.

<sup>7</sup> Grêmio Sargento Expedicionário Geraldo Santana.

<sup>8</sup> Carlos Ortiz, treinador de futebol.

<sup>9</sup> Circuito de atividades físicas e recreativas promovidas pelo SESC durante o verão.

<sup>10</sup> Nome sujeito à confirmação.

tinha esse time de meninas que treinavam, então quem conheceu foi a Twig<sup>11</sup>, essa minha amiga, e falou: “Agora eu descobri um time que até a treinadora é uma professora.” Daí foram as duas de novo, e eu atravessava a cidade, eu saía da zona norte, primeiro eu ia para o Geraldo Santana, que já era longe, e esse lugar é na Hípica<sup>12</sup>, eu pegava dois ônibus, longe demais, duas vezes por semana. Começamos a treinar, era uma equipe com mais meninas, era um grupo de doze a quinze meninas, todas nessa faixa etária, doze, treze, quatorze, quinze, eu deveria ter uns treze na época, e pegava o ônibus todo dia, duas ou três vezes por semana.

P.J. – E já existiam campeonatos que vocês pudessem participar? Jogar contra outras meninas?

T.S. – A gente participava, na época tinha a Liga Canoense, e essa nossa treinadora levou a gente para jogar, eu fiquei um ano lá jogando, a prefeitura de Porto Alegre fez uns jogos em Ipanema<sup>13</sup>, na beira da praia, a gente jogou na Redenção<sup>14</sup>, tiveram uns jogos no dia das crianças, eu acredito, mas eram todos torneios, não era campeonatos de longo prazo. Participávamos de torneios pontuais, uma vez por mês ou a cada dois meses e seguia treinando na sede da Hípica, e continuamos, fizemos outras amizades, a gente criou um grupo que gostava das mesmas coisas, que tinha uma paixão comum, que era o jogo de futebol, de futsal, o que tinha a gente jogava, não interessava o que era, se era na areia, se era na grama, na quadra, a gente jogava. O que eu recebia de convite para jogar a gente jogava.

P.J. – E vocês se reuniam fora ou era só pela escolinha para jogar?

T.S. – Depois sim, criamos um vínculo de amizade, claro que algum grupo mais com afinidade acaba tendo outras atividades: “Vamos sair?” Vai no cinema, vai no shopping, então criou um vínculo bem bacana, esse grupo é um grupo que a gente se encontra até hoje. Essa minha amiga a Twig hoje mora na cidade de Santo Ângelo, mas a gente se fala muito, ela vem para Porto Alegre a gente se encontra, toma um café, vai almoçar, vai para

---

<sup>11</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>12</sup> Bairro de Porto Alegre

<sup>13</sup> Praia de Porto Alegre

<sup>14</sup> Parque Farroupilha situado na zona central de Porto Alegre.

a praia, combina uma semana juntas, então mesmo ela indo morar distante, a gente criou esse vínculo muito legal e com certeza vai levar e foi criado lá do futebol, lá do início quando a começamos a jogar. E na sequência foi mais ou menos isso, estávamos no Camisa 10, que era essa equipe de futsal com a professora Débora, mas sempre teve muita dificuldade, nós víamos que a Débora mantinha a gente treinando por uma paixão também, porque ela trabalhava direto e também tinha outras atividades, ela dava aula em escola, ela dava aula em academia, e esse horariorzinho que ela fugia para nos treinar, e no fim de semana que era as vezes no sábado que ela não tinha atividade profissional e nesse momento foi quando a Duda<sup>15</sup> voltou da Itália.

P.J. – Essa escolinha só para eu entender, era paga ou era gratuita?

T.S. – Não, era paga, não era um valor... Cada uma pagava o que pudesse. Na verdade o valor era x, mas eu não tinha tudo para dar, tinha menina que dava metade, outra só ajudava com alguma coisa, porque era como ela comprava o material, bola, colete... Nós fazíamos muita rifa, fazia galeto, mobilizava os pais, eu lembro que a gente fez uma vez um galeto porque queríamos fazer um abrigo do time, para andar todo mundo igual. Fazer um galeto pra comprar um abrigo? Era uma coisa muito unida. Se tivesse uma amiga que gostava de jogar futebol a gente levava para o treino, se ela ia ficar ou não ia não interessava, mas ela estava lá, curtia junto, claro que sempre permanecem aquelas que são mais de fé, que gostam mesmo, e fiquei mais um ano lá, dos treze para aos quatorze fiquei e aí foi quando a Duda voltou da Itália e abriu uma escolinha dentro do Inter<sup>16</sup>. Foi quando o Inter começou, eu deveria ter uns treze para quatorze anos e quando a Duda abriu a escolinha, a Twig morava na zona sul perto do estádio e descobriu daí ela me chamou e disse: “Nós temos que ir tal”. Lá foi a Tati de novo, aí os treinos eram no Beira-Rio<sup>17</sup>, que era lá no Parque Gigante<sup>18</sup>. Depois que eu entrei no Inter fiz uma trajetória, toda a minha trajetória de futebol de campo foi dentro do Inter, dentro da escolinha que a gente pagava a mensalidade, até um ponto de partida quando começou a formar uma equipe.

P.J. – E como foi formar essa equipe? Como era? Como aconteceu?

---

<sup>15</sup> Eduarda Marranghello Luizelli.

<sup>16</sup> Sport Club Internacional.

<sup>17</sup> Estádio de Futebol Gigante da Beira-Rio do Sport Club Internacional

<sup>18</sup> Dependências do entorno do Estádio Beira-Rio

T.S. – Eu tinha uns quatorze anos, eu lembro que eu fiz os meus quinze anos com a equipe do Inter, bem marcante para mim, então eu deveria ter uns quatorze quando eu fui para lá, que eu saí do Camisa 10 em seguida a Duda formou uma comissão técnica, era o professor Leandro<sup>19</sup>, o professor Padilha<sup>20</sup>, que eram os professores da escolinha, formaram uma equipe para competição, então de todas as turmas que tinham no cube eles selecionaram um grupo de trinta meninas, vinte e poucas meninas.

P.J. – Era a Duda quem treinava?

T.S. – Não, a Duda jogava ainda. Ela jogava e esses professores é que faziam parte da comissão técnica. Claro que além de jogar ela fazia essa coordenação por fora; fizeram essa seleção dentro do Inter para montar a equipe, onde começamos a competir, nesse momento, eu acredito que a Duda como jogadora teve um Inter antecedente a essa nossa geração, mas que também acabou e ela retomou com a escolinha, e isso foi... Eu joguei a primeira competição oficial, foi o Campeonato Gaúcho de 1997, aí começamos a competir junto com essa equipe formada dentro do clube, que era a comissão técnica dos professores que trabalhavam com o Internacional.

P.J. – E o Inter dava algum retorno, apoiava vocês de alguma forma?

T.S. – Inicialmente não. Inicialmente o nosso único benefício era não mais pagar a escolinha. Então tínhamos os dias de treino que eram separados do treino da escolinha era outro tipo de treinamento; o treino era diferenciado, tínhamos um preparador físico que cuidava da parte física, tinha o treinador que era mais a parte técnica, tinha preparação de goleiras para aquelas que jogavam no gol, foi quando começou uma coisa mais profissional, mesmo que a gente não ganhasse nada para aquilo. Mas treinávamos todos os dias, aos poucos foi que começou a abrir o departamento. Quando foi aberto o Departamento de Futebol Feminino dentro do clube aí eles começaram a dar um incentivo de transporte, bolsa auxílio para custos extras, coisa pouca, mas para quem nunca tinha tido nada, adolescente, tinha quinze, dezesseis anos, foi bem bacana. E o projeto foi

---

<sup>19</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>20</sup> Nome sujeito à confirmação

crescendo, tive a minha primeira carteira assinada da vida e foi como jogadora profissional de futebol, pelo Sport Club Internacional, tinha um salário, um contrato, foi bem motivante na época; fiquei dentro do clube nove anos, desde os meus quatorze, treze, eu joguei no Sport Club Internacional, passei por toda essa trajetória de evolução até mudanças de direção, de clube.

P.J. – Tu lembras de campeonatos que tenhas participado com o Inter?

T.S. – Olha, muitos: Campeonato Gaúcho, Copa Sul que era de todos os times do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, cada ano em um local. Um ano foi no Paraná, em Maringá, o outro foi em Santa Catarina e outro ano aqui no Sul, teve outra opção em Colombo no Paraná e Curitiba. Então a gente teve vários momentos e todo ano era já estava previsto no calendário. O Campeonato Gaúcho era organizado pela Federação era uma competição que tinham doze, dezesseis clubes, clube de camiseta, e a arbitragem era oficial, eram jogos de ida e volta, então, tu te preparava toda semana como tu vê o masculino agora. Tínhamos treino durante toda a semana e jogos de quinze em quinze dias, às vezes por não ter muitos times, mas de quinze em quinze dias, a gente íamos para Pelotas, jogávamos contra Pelotas, daí elas vinham para Porto Alegre e jogávamos em casa, íamos em Caxias do Sul jogávamos contra o Juventude, então eram times de camiseta sabe...

P.J. – E de Porto Alegre havia mais alguma equipe?

T.S. – Era Inter e Grêmio. O Inter montou a equipe em 1997, eu acredito que o Grêmio tenha feito o mesmo em 1998. E se criou aquela rivalidade Gre-nal muito forte e toda essa década, a década de 1990, início do ano 2000, era o Gre-nal que mantinha, e os clubes do interior que também tinham força, mas claro que cada um dentro do seu limite. Sabíamos que de repente time de interior treinava menos, ou treinava só em finais de semana e dentro do Inter a gente chegou a ter um momento de treino em dois turnos. De ser uma coisa profissional mesmo, de ir para o clube, treinar de manhã, almoçar no clube, treinar à tarde. O Campeonato Brasileiro Feminino era no mesmo modelo dessa categoria de base hoje

masculina, então nós tínhamos a Fepam<sup>21</sup>, a Taça BH<sup>22</sup>, Copa Santiago, é um mês em uma cidade sede, e o feminino era assim. O campeão gaúcho e o vice classificavam-se sempre para o Campeonato Brasileiro, o que eu me lembro todas as vezes foi o Grêmio e Inter. Joguei acredito uns cinco campeonatos. O meu primeiro campeonato Brasileiro eu joguei com quinze anos em Taubaté, São Paulo. E o grupo era assim, o grupo era de quinze, dezesseis, dezessete, a Duda que era mais velha que já tinha vinte e poucos, vinte e sete, vinte oito, eu não lembro direito.

P.J. – A Duda essa época já tinha ido para a seleção?

T.S. – Já, já tinha ido para a seleção, e era uma época, ela e a Bel<sup>23</sup> que mantinham essa ligação forte com a seleção brasileira, e para nós elas eram os nossos ícones. Imagina, tu sabia que ela tinha jogado na seleção e depois poder jogar junto com ela, é a realização de um primeiro sonho. Claro que eu sempre tive o sonho de chegar em uma seleção brasileira, mas enfim, mas só de estar jogando com a Bel e com a Duda... Eu com quinze anos jogando com as duas eu tive esse momento no Inter e foi bastante gratificante.

P.J. – E como era em relação à técnica ou habilidade entre vocês, por exemplo, entre elas que eram mais velhas e vocês que eram mais novas?

T.S. – De técnica eu acredito que não, mas de força sim, porque não tinham categorias, feminino, de treze, quatorze anos para cima tu virava adulta porque a competição sempre é na categoria livre. Então a gente jogava sempre com mulheres, mesmo sendo adolescente, ainda estando em fase de amadurecimento, a gente jogava com mulheres já formadas, que já tinham tido essa bagagem, principalmente de trabalho físico, de uma preparação corporal mais forte e claro que a gente tinha esse espelho nelas. Jogando contra o Grêmio que também tinham meninas mais experientes como a Nana<sup>24</sup>, a Giovana<sup>25</sup>, a gente dizia: “Ah, já foram para a seleção brasileira, ou uma seleção gaúcha” que alguns anos atrás, antes dessa formação do Inter em 1997 aconteceram competições inter-seleções, seleção

---

<sup>21</sup> Nome sujeito à confirmação.

<sup>22</sup> Taça Belo Horizonte de Futebol Feminino.

<sup>23</sup> Isabel Cristina Nunes.

<sup>24</sup> Aliana Alvares da Rosa.

<sup>25</sup> Nome sujeito à confirmação.

gaúcha, seleção paulista, carioca, que eu acompanhava na época por notícias. Como eu gostava de jogar a gente acompanhava muito a Roseli<sup>26</sup>, a Pretinha<sup>27</sup>, do eixo Rio-São Paulo, a Sisi<sup>28</sup>, a Márcia Tafarel, que era gaúcha e jogava na seleção brasileira, a Raquelzinha<sup>29</sup>, que jogava fora do Brasil, na Espanha... A gente acompanhava o que dava na TV, porque não tinha muito no jornal, porque não tinha internet.

P.J. – E a TV ou o jornal passavam reportagens sobre isso na época?

T.S. – Difícil muito difícil. Sabe aquelas letras minúsculas? Mas é aquela coisa, como todo mundo sabia que eu gostava, que eu jogava, qualquer notícia que saía alguém da família via e: “Ah, tu viu o que saiu, olha lá!” Isso era para mostrar, para incentivar a continuar jogando, na época de Olimpíada.

P.J. – Quando vocês recebiam equipe adversária, jogavam onde?

T.S. – No Beira-Rio. Como era um departamento profissional, não que o futebol feminino seja profissional oficialmente, mas era tudo dentro do clube, o tratamento como a categoria maior, desde fardamento, chuteiras eram da marca patrocinadora, tênis, roupa de passeio, roupa de treino, roupa de jogo, toda essa alimentação, transporte para viagens, concentrações.

P.J. – E era só essa equipe principal de vocês? Ou existia categoria de base?

T.S. – A categoria de base era uma escolinha que era mantida no clube, nunca deixamos nada a desejar, e é isso que falta hoje no Brasil. Eu já vivenciei há anos atrás uma coisa que hoje eu não vejo, aqui pelo menos, no Rio Grande do Sul, infelizmente a gente perdeu essa força, e foi uma coisa muito bacana que aconteceu há dez anos atrás.

P.J. – E tu ficou no clube até fechar ou tu saiu antes?

---

<sup>26</sup> Roseli de Belo.

<sup>27</sup> Delma Gonçalves.

<sup>28</sup> Sisleide do Amor Lima.

<sup>29</sup> Nome sujeito à confirmação.

T.S. – Eu fiquei no clube até fechar. Nos mandaram embora, fecharam o departamento...

P.J. – Porque foi fechado? Tu lembrás? O que disseram para vocês, as jogadoras?

T.S. – Na época o que alegaram é que o feminino não dava retorno porque não tinha negociação da menina como atleta, por mais que ela tivesse sido convocada para a seleção brasileira”. A melhor do Rio Grande do Sul, vamos dizer assim, a Marta do Rio Grande do Sul, mesmo assim eles não conseguiam negociar a menina, e aí um ano antes acho que foi o Grêmio que fechou primeiro. O Grêmio fechou, e alegou a mesma coisa: não se pode gastar porque o feminino não dá retorno. E o Inter não durou muito mais tempo, durou um ano mais. Acredito, se não me falha a memória, que o Grêmio fechou em 2003 e o Inter fechou em 2004, e o motivo foi esse. Eles tinham um custo muito alto porque na época se pagava salário, além de toda a estrutura do clube, tinha o salário de todas as atletas, então, tinham trinta meninas, claro que dentro da hierarquia do grupo, quem ganhava mais, quem ganhava menos, mas todo mundo era remunerado e tinha o auxílio odontológico, médico, fisioterapia, tudo dentro desse plano de atendimento. Foi o que alegaram, e simplesmente fechou, de um ano para o outro não tivemos nem alternativa. O Inter mantinha na época o futsal e o futebol de campo e foram extintos os dois departamentos, nesse ano de 2004.

P.J. – E depois, tu seguiu no futebol?

T.S. – Eu já trabalhava, como eu gostava muito de treinar, eu comecei a gostar de saber porque que a gente treinava assim, eu ficava lá com o preparador físico, com o treinador, só observando.

P.J. – O que te motivou a ter esse interesse, foi na equipe mesmo?

T.S. – É, na equipe mesmo. Eu prestei o vestibular para Educação Física quando eu me formei no ensino médio, entrei na faculdade, e como treinava, o grupo treinava pela manhã e tinha escolinha feminina de tarde, eu já encaixei no segundo semestre, eu tinha quase a idade das atletas, porque eu deveria ter uns dezoito anos eu comecei a dar aula na

escolinha, estagiária, comecei a fazer a experiência, como eu estava fazendo Educação Física e sempre precisava de professor, eu comecei a trabalhar dentro da escolinha mesmo, então eu tinha esses dois compromissos dentro do clube, eu treinava de manhã e dava aula de tarde, e já ficava no clube, comecei a me interessar mais porque eu queria saber, porque que o treino físico era daquele jeito, porque que hoje se corre mais, hoje saltam, hoje, sei lá, é flexibilidade, então eu queria entender como a gente melhorava, como que eles montavam os treinos, e depois eu comecei a me interessar mais pela parte técnica, de criar os treinos, de onde que ele tirava aquele monte de exercícios, como é que aquele exercício funcionava dentro do jogo, e graças a Deus hoje eu tenho grandes amigos e grandes mestres que eu não perco o contato, eu estou sempre falando com eles, assisto o treino, quando eu acho que preciso ter ideias novas, eu quero melhorar, eu ligo para os meus treinadores, ligo para o Gustavo<sup>30</sup>, ligo para o Ciro<sup>31</sup>, me ajudam. O Ciro estava na Arábia e estava me mandando treino: “Ah, não, faz isso, isso é legal de trabalhar com as gurias”. E aí eu fiz paralelo, com a parte de... Eu era atleta mas ao mesmo tempo estava começando uma carreira de professora, de treinadora, dentro do próprio Inter.

P.J. – E quando encerrou no Inter como ficou a tua situação no clube?

T.S. – Eu continuei trabalhando, porque a escolinha não fechou, o que encerrou foi só o departamento, foi só a equipe, a equipe que o clube mantinha foi encerrada, mas a escolinha permaneceu, então, eu continuei trabalhando normalmente, dando aula na escola, e até joguei, alguns torneios no Juventude. Eu ia para Caxias do Sul para jogar alguns jogos, e logo em seguida, a Duda resolveu criar a equipe dela, então, quando ela criou a equipe eu acabei jogando com ela ainda, um ano eu acredito, um ano ou dois.

P.J. – Ela fez aqui mesmo?

T.S. – Foi em Porto Alegre. Ela criou uma equipe que disputou alguns campeonatos, o Campeonato Gaúcho, acredito, um ou dois anos e eu participei também. E na verdade isso foi até 2007 que foi a primeira Copa do Brasil e na época, logo que o Grêmio e o Inter encerraram as suas atividades, a Federação também não montou mais o campeonato, a

---

<sup>30</sup> Nome sujeito a confirmação

<sup>31</sup> Nome sujeito a confirmação

Federação extinguiu o campeonato feminino. E eu acho que foi o que mais prejudicou a modalidade, desde essa época de 2004, 2005. Porque daí não se tinha o respaldo da Federação, não se tinha a organização de uma Federação, então, teve um ano que não aconteceu o Campeonato Gaúcho, aconteceram alguns metropolitanos que eram criados por entidades ou por pessoas interessadas, mas eram emergentes, que se criava naquele ano, o pessoal jogava, mas não tinha uma garantia de que ia acontecer novamente no próximo. A prefeitura de Porto Alegre sempre fez o Campeonato Municipal, que era a única coisa que se mantinha e se mantém até hoje, eu acho que é uma coisa bacana da Prefeitura que, por mais que, com muitos times ou com poucos times a Prefeitura realiza o Campeonato Municipal Feminino. Então era a única coisa no calendário que existia que todo mundo jogava. E aí se criou essa, eu acho que foi nesse momento que se criou essa Associação Gaúcha de Futebol Feminino, que é o que mantém a competição até hoje. Claro que começou como modelo de metropolitano, mas aos poucos foi criando uma grande proporção dentro do estado e hoje mantém, mas eu acho que um dos motivos do futebol feminino estar prejudicado é de perder a força da Federação oficialmente. Mas eu continuei trabalhando e em 2007 quando surgiu a Copa do Brasil o Rio Grande do Sul não tinha campeonato, então quem é que iria representar? Porque quem representa na Copa do Brasil é o campeão; e aí lá no ano de 2007 não tinha campeonato gaúcho, o último tinha acontecido lá trás, há três anos atrás, mais ou menos. Aí a Federação fez esse convite para o Inter que mantinha a escolinha; fez o convite para o Inter e o Inter aceitou o desafio, e aí chamou algumas atletas, então, a Duda foi quem chefiou esse retorno; se criou uma comissão técnica e foi quando eu voltei, na verdade foi onde eu pendurei a chuteira, foi a última competição oficial de futebol de campo que eu joguei, foi em 2007 com o Internacional que eu ajudei ela a recriar... A gente chamou algumas ex-atletas que estavam até fora do estado ou quem estava aqui já trabalhando também e conseguimos aliar a vida profissional de cada uma com o treinamento. Então, o treino teve que ser adaptado para o fim da tarde, para todo mundo conseguir sair do trabalho e treinar; foi uma mescla de meninas mais jovens da escolinha que estavam trabalhando, que eu trabalhava na verdade, e aquelas ex-atletas do próprio clube que estavam retornando para representar o Rio Grande do Sul na Copa do Brasil, e ali foi que a gente representou, tanto o clube como o estado, nesse modelo de Copa do Brasil regionalizado. O primeiro jogo foi entre o Inter e o Juventude, porque o Juventude mantinha a equipe oficialmente e depois com Santa Catarina, que eram os confrontos ali da Copa do Brasil; primeiro foi regionalizado, aí

quem passasse de fase ia subindo, São Paulo, Rio, enfim, mas ai foi no Inter que eu comecei a trabalhar, pelo estágio, e depois segui a carreira de treinadora, ao longo do período. E sempre em paralelo com o futebol de campo, eu sempre joguei futsal, jogava na faculdade, eu estudava na ULBRA<sup>32</sup> e a ULBRA tinha a equipe de futsal, e era um dos grandes incentivos é que tinha bolsa de estudo.

P.J. – Tem ainda até hoje?

T.S. – É, um bom período da faculdade eu fiz com bolsa de estudo, a ULBRA teve o período dela que também quebrou; teve o esporte clube ULBRA que ganhou tudo em várias modalidades, nós tínhamos um, vou dizer, só do futebol, do futsal, mas era um clube mesmo; dentro da ULBRA tinha atletismo, judô, voleibol foi fortíssimo, futsal masculino era uma das top, handebol, só que tudo tem o seu ciclo e esse ciclo eu aproveitei; o ciclo onde tinha alimentação também, bolsa de estudos, uma ajuda de custos para atleta, mas infelizmente se encerrou, mas a gente mantinha. O futebol feminino a gente não podia escolher muito, é que não é como menino que tu tem que direcionar, eu vou ser jogador de futebol de campo, ou não. Aquele menino vai ser atleta de futsal. Nós mulheres tínhamos que jogar o que tinha, quando tinha um jogo futebol de campo, jogava futebol de campo... Então no Inter eu jogava futebol de campo e o futsal eu jogava pela ULBRA, mas também, a ULBRA não tinha toda essa força... O campeonato da Federação era super organizado, então cada ano eu joguei em um clube diferente. Joguei na UCS<sup>33</sup> de Caxias do Sul, joguei no Chimarrão<sup>34</sup> que era o top daqui do sul; a gente foi bicampeã brasileira, não sei quantas mil vezes campeã gaúcha, joguei no União Jovem do Rincão<sup>35</sup> de Novo Hamburgo, depois mais no final joguei na UFRGS<sup>36</sup> quando eu vim fazer a minha pós-graduação. Então no futsal eu passei por várias etapas, vários clubes e ai, graças à Deus, pude participar de grandes times. Ter jogado no Chimarrão foi uma das melhores coisas que aconteceu para mim no futsal, por estar em uma grande equipe, estar jogando com atletas de nível de seleção brasileira; eu nunca fui convocada para uma seleção brasileira, mas sempre estive em grupos com uma qualidade muito grande, tanto no Inter no futebol de campo, quanto

<sup>32</sup> Universidade Luterana do Brasil.

<sup>33</sup> Universidade de Caxias do Sul.

<sup>34</sup> Equipe de futebol de Estância Velha, Rio Grande do Sul

<sup>35</sup> Equipe de Futebol de Novo Hamburgo, Rio Grande do Sul

<sup>36</sup> Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

no futsal, quando eu joguei no JR e no Chimarrão e tive a felicidade de ser campeã brasileira, ser bicampeã brasileira que é a melhor coisa de tu participar de um maior evento e tu ter o êxito na tua modalidade naquele momento. Então para mim foi gratificante assim, eu não tenho o que reclamar dentro da minha trajetória, desde que eu comecei, lá na escolinha jogando com os meninos, até finalizando essa minha trajetória no futebol de campo em 2007, que eu tive o prazer de jogar a primeira Copa do Brasil, quando começou, e se mantém até hoje; e o futebol de salão, o futsal, eu joguei até 2011, que a ULBRA resolveu fazer um time também e chama o professor Paulo Farenzena, hoje ele trabalha profissionalmente, ele é gerente de futebol dentro do Grêmio, e de novo: “Tati, preciso de ajuda, volta aqui, vamos jogar, preciso de mais experiência, de unir a juventude com a experiência.” E voltei! Sempre que os treinadores chamavam eu atendia esse pedido, e foi a última competição que eu joguei, foi pela ULBRA em 2010, oficialmente pela Federação também. Claro que a gente continua batendo uma bolinha de fim de semana, as amigas chamam a gente joga, mas assim oficialmente parei o futebol de campo em 2007 e o futebol de salão, o futsal em 2010, pela ULBRA, pela faculdade jogando uma competição oficial pela Federação. Competição bacana, que tem a sequência de Campeonato Brasileiro, Copa do Brasil, que dentro da modalidade é o que, aqui no Brasil, é o melhor, claro que não tínhamos na época ainda essa Libertadores<sup>37</sup>, que a gente sabe que hoje em dia tudo já melhorou, não está como, mas já melhorou.

P.J. – E essa tua transição de clube, como é que aconteceu? Tu sair do Inter e de repente tu estar no clube rival?

T.S. – É, como eu já estava inserida eu não tive aquele choque de: “acabou o time, o que que eu faço agora?”. Não, ao longo da minha trajetória de atleta eu já fui me direcionando para continuar dentro do esporte, para continuar tendo aquela adrenalina do campeonato, porque às vezes a gente está na beira da quadra, a gente não consegue entrar em campo, mas tu está com a mesma concentração; tu entra dentro do jogo junto com o atleta e a função de tu ir para Casa, pensar no que tu tem que fazer no outro dia, qual é o treino que tu vai montar, qual é a competição que tu vai ter, então, o meu estágio dentro do clube me ajudou muito. E aí quando acabou para mim a competição como atleta principalmente no futebol de campo, eu continuei dentro da mesma proposta, de treinamento, de competição,

---

<sup>37</sup> Copa Libertadores da América de Futebol Feminino

de concentração para os jogos. Então eu colocava em prática tudo que eu estava aprendendo na faculdade na parte teórica, eu conseguia aliar com a minha experiência dentro de campo, como atleta, que eu acho que às vezes é muito mais fácil, Eu não tive esse choque de: “Não tenho mais o que fazer, não tenho mais onde jogar”. Não, a gente encerrou o futebol de campo, ok, continuei trabalhando e me mantive no futsal algum tempo, até eu sentir que o meu corpo não respondia mais, porque uma coisa é tu conseguir treinar e ter alguém trabalhando contigo, uma comissão técnica trabalhando contigo, mas tive uma experiência de tentar ser treinadora e atleta, eu vi que não funcionou, então, foi aí que eu tive que escolher. “Não, a partir de hoje eu não posso mais ser atleta e querer ser treinadora”. Então, quando eu vi que não dava mais, que eu não conseguia, eu tinha que trabalhar, porque infelizmente o futebol feminino não nos dá um retorno financeiro, hoje em dia, aqui no Rio Grande do Sul e vamos nesse momento assim que eu parei de jogar, há quatro anos atrás, não se tinha um apoio financeiro, eu jogava porque eu gostava, eu voltei a jogar lá com o meu professor lá na ULBRA porque ele era meu amigo pessoal. O que eles davam? A gasolina para o carro. Não tinha retorno financeiro, e na época eu não estudava mais também, eu já tinha me formado, então, eu já estava em outro momento, eu já estava fazendo uma especialização, então, foi as trocas que a gente conseguia fazer assim... Mas tinha que trabalhar o dia inteiro, e ainda vai treinar de noite, não tinha como. Ou tu tinha que abrir mão de um trabalho à tarde para poder treinar, mas aí quem é que paga o teu dia-a-dia, porque tu vai ficando mais velha... Quando tu é adolescente os pais te incentivam muito, mas a partir do momento que tu já passou dos dezoito anos, tu já está em uma transição da fase adolescente para a fase adulta; eu sempre tive os meus pais do meu lado, mas eles também querem te ver crescer e, às vezes o te fazer crescer é segurar. “Não, não vou mais te dar dinheiro, tu vai ter que buscar o teu. A gente dá o carro, mas tem que botar gasolina no carro”. [Risos] É mais ou menos isso, falando bem ao grosso modo, é assim. E de tudo, tu quer sair, tu quer tomar um sorvete, tu quer ir em um cinema, enfim, tu quer ir em uma festa, tu quer comprar roupa nova, o pai e a mãe eles não vão ficar. Então eu tive que aliar e aí eu não conseguia mais. Chegou um momento que eu trabalhava de manhã, trabalhava a tarde, tinha os meus compromissos com as escolas que eu dava aula, até mesmo dentro do futebol, da escolinha que eu continuei trabalhando no Inter e eu tive que optar, nessa minha fase: “Não dá mais”. Aí eu trabalhei no Porto Alegre Futebol Clube, do Ronaldinho Gaúcho, no ano que eles montaram o feminino, eu que comandeí a equipe, participamos de campeonato gaúcho, mas aí não tinha mais como jogar e treinar.

Eu já trabalhei como treinadora nas escolinhas, aí eu fui para o Porto Alegre, que também encerrou o projeto, que não manteve o feminino, só o masculino. Aí eu fui atrás do Grêmio.

P.J. – O que te fez pensar nessa escolinha do Grêmio?

T.S. – Porque, como é que eu vou dizer assim, no Inter a gente já sabia que a Duda sempre teve um vínculo muito grande dentro do clube. Ela como atleta e depois como coordenadora dos projetos, então, tu tem que buscar... Eu sempre penso que tu tem que buscar um espaço onde tu sabe que vai ter uma possibilidade de uma porta aberta e de maneira nenhuma... Eu cresci vendo ela trabalhar, aprendi muito com ela, dentro do projeto que eu sempre tive inserida junto com a Duda, ela foi para mim um ícone, tanto na parte como atleta, como treinadora que ela foi minha, foi minha treinadora, como gerente esportiva, e aí tu chega em um patamar que tu tem que ver onde pode crescer. Formada em Educação Física, fazendo uma especialização, bom, será que se eu ficar aqui onde eu estou, eu vou conseguir crescer ou eu tenho que tentar abrir o meu próprio negócio, a minha própria escola? Foi uma opção que eu fiz. Eu, dentro do meio esportivo, que era o que eu queria era trabalhar com o futebol, queria trabalhar com o futebol feminino e eu sabia que o Grêmio tinha essa possibilidade; só trabalhava com os meninos, o Grêmio já tinha tido um histórico com a equipe feminina lá dos tempos de Gre-nais, que a gente jogava e o não eu já tinha. Então não custa nada buscar uma nova opinião, será que seria possível ou não. Então eu larguei o projeto, com assim uma perspectiva boa.

P.J. – E tu lançou esse projeto sozinha ou teve alguém que te ajudou a idealizar ele?

T.S. – A gente começou o projeto... Eu comecei com uma outra colega, com a professora Naná<sup>38</sup>, que foi uma colega que eu também conheci dentro do esporte, dentro do futebol; ela também dava aula, também tinha uma sede de uma escola só que nós tínhamos... A gente trabalhava dentro de uma instituição, então, a gente estava sentindo essa mesma necessidade, de que ali a gente não conseguiria crescer mais e a gente resolveu tentar unir as nossas forças e largamos esse projeto junto, lá no Grêmio e com certeza o que mais nos deu força foram os contatos de dentro do clube. A gente tinha o contato com o Mauro

Galvão na época, ele era diretor executivo no clube e nos deu aquela forcinha: “Pessoal, leiam o projeto das meninas”. Ele nos ajudou muito, tenho que agradecer muito pelo Mauro, por esse empurrãozinho e a gente conseguiu começar. Foram seis meses de negociação com o clube para saber de que maneira ia retornar, como é que ia ser a metodologia da escola feminina, onde que as meninas iam treinar, qual era a estrutura que a gente ia usar, porque a gente sabia, nós, como idealizadoras do projeto, a gente sabia que tinha que ser diferente do masculino, que já acontecia dentro do clube. E até por experiência de atleta, de jogar por outras instituições, eu sabia qual era a necessidade de como iniciar um projeto feminino. Então a gente ficou, em muitas reuniões com a escolinha do Grêmio, que foi onde, não foi dentro da categoria de base, a gente retornou com o projeto, foi aceito e vinculado à escolinha de futebol do clube... O que a gente conseguiu com a direção da escolinha foi como uma franquia, como um convênio. Nós tínhamos a nossa escola, a nossa empresa e fizemos um convênio com o clube, até por força de nome, de instituição. A gente queria atingir o público gremista que a gente viu que estava carente; as meninas gremistas estavam carentes da modalidade porque o Inter tinha seguido com a escolinha através da Duda e aí a menina que era gremista tinha que ser, como é que eu vou dizer assim, me fugiu a palavra, mas ela tinha que se propor a jogar no Inter, ela tinha que colocar a camiseta do Inter porque ela gostava de jogar, então, foi essa nossa ideia. “Vamos trazer o público gremista”. Quantas meninas gremistas tinham em Porto Alegre que gostavam de jogar, mas ela não podia jogar no seu clube? A gente teve várias reuniões tentando sempre alinhar com a direção todas as nossas preocupações. Estrutura tinha que ser diferenciada, tanto que nós procuramos nos melhores locais em Porto Alegre para começar a escola, questão de uniforme, a padronização da escola. Quando a menina fazia a inscrição ela recebia o uniforme na hora para não ter aquela exclusiva: “Eu não tenho camiseta, eu não tenho o material ideal”. Não, quando fazia a matrícula na escola ganhava o uniforme, então, a gente tentou pensar em tudo e foi em 2009 que a gente começou o projeto.

P.J. – O material, o local, foi o clube que forneceu para vocês?

T.S. – Não, como eu te falei, a gente fez uma franquia com o clube. Nós tínhamos um contrato entre a nossa empresa, a nossa escola e o clube, o Grêmio Futebol Porto

---

<sup>38</sup> Nome sujeito a confirmação

Alegrense, de uma forma que nós temos um retorno financeiro do clube, então, nós tínhamos uma anuidade para poder utilizar da marca do clube naquele momento. Claro que o clube nos fornecia a estrutura... Final de semana quando os meninos não estavam utilizando os campos no Centro de Treinamento do Cristal nós tínhamos um horário destinado para as meninas, que toda a nossa escola era fora da estrutura do clube.

P.J. – Onde é que vocês treinavam?

T.S. – Nós treinávamos na HD Esportes, que é na rua Farrapos na entrada de Porto Alegre na zona norte; e na zona sul, era no bairro Cristal, próximo ao Centro de Treinamento, mas também em grama sintética. A nossa preocupação era a quadra era coberta; não tinha preocupação com cancelamento de treinos, a gente conseguia também dentro da quadra de futebol sete ser o mais próximo possível do futebol de campo, então, a gente nunca se sentiu prejudicada por isso. A gente mantinha em dois núcleos, zona norte e zona sul para tentar atender um maior número, um maior público possível, para tentar um deslocamento próximo, para que a menina não tivesse que pegar dois ônibus para ir para o treino. A gente tentou da melhor maneira possível começar o projeto bem, e a gente teve um retorno muito bom; iniciamos o projeto em 2009 e a gente teve um crescimento assim... Eu comecei com zero, nenhuma aluna, e hoje a gente tem aí, encerrando o projeto de oitenta a noventa meninas trabalhando, então, para nós ver esse crescimento foi bacana. A gente começou junto, eu e essa minha colega Naná, mas um ano depois ela saiu da escola, ela sentiu que não estava mais dentro do que ela procurava e eu continuei o projeto sozinha.

P.J. – E vocês trabalham com duas categorias?

T.S. – Não, são várias categorias. Dentro da escolinha do Grêmio a gente trabalha a partir de sete anos; de sete a dezessete, então, a gente tem uma sub-10, sub-15 e sub-17 e aí a gente tenta jogar dentro das competições que a gente recebe o convite dentro de cada categoria. Dentro da escola, tanto na zona norte quanto na zona sul, tinha os horários de acordo com a faixa etária e a equipe de competição treinava um treino extra, no Centro de Treinamento do Cristal, dentro do Grêmio, voltado diretamente para o futebol de campo; cada categoria tinha a sua seleção e essa seleção é que representava nas principais competições. As outras meninas que não faziam parte da seleção participavam de

competições paralelas, torneios, intercâmbios com outras escolas, não só em Porto Alegre, mas em todo o Rio Grande do Sul, até em Santa Catarina quando a gente conseguia, dentro da nossa proposta de agregar a diversão com o futebol. A gente sempre fez bastante intercâmbio com outras escolinhas.

P.J. – E essa tua ida agora para os Estados Unidos, tu vais trabalhar em uma equipe lá, como é que vai ser?

T.S. – No ano passado eu tive a minha primeira experiência; eu procurei uma empresa no Rio de Janeiro, a empresa é Atleta Brasil, que trabalha com viagens de grupos, eles levam grupos assim, equipes daqui para participar de torneios e competições nos Estados Unidos, e também eles recrutam profissionais, professores, treinadores brasileiros para trabalhar com futebol lá. O que acontece, eles trabalham muito nos Estados Unidos, eles tem muitos *camping* de verão, que nada mais é do que Colônia de Férias de Futebol. Então a ideia da Atleta Brasil é ensinar um pouquinho do futebol brasileiro nesses acampamentos de verão. No ano passado eu fui com essa proposta, fiquei quarenta e cinco dias nos Estados Unidos, passei por várias cidades, cada semana em uma cidade, tive o privilégio de conhecer três estados, eu fui para o Colorado, fui para Denver no Colorado, em Santa Fé no Novo México e em San Jorge. Então dentro desses quarenta e cinco dias eu consegui passar por várias cidades, e nesse momento inicial era o trabalho com o *camping* que é a Colônia de Férias para os americanos; ensinar um pouquinho do futebol em uma semana, cada semana uma cidade, com um grupo diferente, só que a Atleta Brasil tem um projeto muito grande, a empresa já está a quinze anos dentro dos Estados Unidos, dentro dessa proposta de levar o futebol brasileiro e surgiu a oportunidade agora de trabalhar dentro de um clube, nos Estados Unidos, em outro estado. Eu estou indo para Rochester no Minnesota para trabalhar durante cinco meses, inicialmente, com duas categorias. A categoria sub-15 feminina e a categoria sub-13 masculina porque eles participarão em agosto, início de setembro, da *US Cup*, então, eu estou indo agora em abril para a gente ter um período de treinamento com as equipes e posteriormente participar dessa *US Cup*, que é uma competição que reúne equipes de todo o Estados Unidos, é uma competição entre escolinhas, clubes, não é profissional; são clubes amadores americanos e reúnem-se nesse grande torneio assim, é uma semana de competição, e eu estou indo para essa proposta, de agora trabalhar uma equipe. A gente vai ter treinos diariamente, vai poder conhecer um

pouquinho melhor que é diferente do acampamento. Tu tem uma semana e tem que passar por todos os fundamentos naquela semana. Agora, nessa proposta nova é de levar um trabalho mais tático, um trabalho mais técnico, com um grupo fechado, a gente vai ter, em cada grupo tem em torno de quinze a vinte atletas, já buscando a melhora de um futuro resultado. Eles querem uma competição, eles querem ir bem na competição e estão contratando treinadores para esse clube.

P.J. – E essas duas categorias são da mesma equipe?

T.S. – São da mesma equipe, o Euro Futebol Clube. Somos, eu acredito que oito treinadores que vão estar fazendo parte desse projeto lá agora em Rochester, cada um em uma categoria para essa competição. A gente vai ter... Eu acho que nesse momento sou a única treinadora que está indo. Tem mais um menino aqui do sul também que é o Gustavo<sup>39</sup> que trabalha no São José<sup>40</sup>, que também vai participar, mas ele vai participar dos *campings* novamente, que é aquele período curto ali de férias de verão lá; é julho, agosto e aí vamos para ter essa dinâmica de treinamento, então, para mim o que acontece? Comecei o projeto lá no Grêmio em 2009, a gente está suspendendo o projeto esse ano, a gente não recomeçou porque eu poderia recomeçar e parar no meio do ano, eu acho que é uma coisa ruim até para as atletas, então eu tomei uma decisão de suspender no início do ano; a gente não vai retornar a atividade na escolinha do Grêmio hoje para tentar ver qual é a possibilidade, então eu estou indo para um período, para chegar lá em dezembro retornar, só também não sei o que vai acontecer, se vai ter possibilidade de continuar em outro clube. A minha vontade é crescer a cada momento dentro da minha carreira profissional, eu tenho outros tipos de atividade também; eu sou professora de educação física, trabalho na rede de escolas, com o ensino fundamental, que é outro tipo de trabalho, não tem competição, é voltado para a qualidade de vida da criança, da recreação, enfim. Mas hoje pela proposta que eu tenho, que eu gosto muito do futebol, e quero trabalhar com o futebol feminino, eu estou aceitando esse novo desafio, que é trabalhar em um clube americano, mesmo que seja categoria de base ou não seja profissional, mas acho que tudo é uma porta de entrada. Assim como eu comecei lá atrás no estágio, na escolinha, virei treinadora, tive oportunidade de ser treinadora nas competições oficiais aqui o campeonato gaúcho, fui

---

<sup>39</sup> Nome sujeito à confirmação

<sup>40</sup> São José Esporte Clube – equipe de futebol de Porto Alegre

campeã gaúcha em 2010 nas duas categorias com o projeto dentro do Grêmio, a gente tinha o Grêmio junto com o Gaúcho Futebol Feminino, e nós fomos campeãs nas duas categorias, e eu que comandeí as duas equipes paralelo, tanto a sub-17 quanto a adulta. Representamos o Rio Grande do Sul na Copa do Brasil e fui crescendo dentro da minha carreira profissional aos pouquinhos. Eu não cheguei lá já direto, não. Eu estou traçando a minha carreira lá desde o estágio, começou a crescer o clube, comecei a ter mais responsabilidade, representamos na Copa do Brasil, fui com uma comissão técnica bacana, a gente representou o Canoas Esporte Clube na Copa do Brasil, que tem uma trajetória dentro do futebol masculino e aos poucos dentro do Grêmio também a gente foi crescendo, a gente não tinha nada e foi evoluindo, só que eu também penso que para o futebol feminino o que a gente pesquisa e o que a gente vê, os Estados Unidos é o grande país do futebol, o que para o masculino o Brasil é o país do futebol, que a gente sabe toda a história que tem, no futebol feminino é os Estados Unidos, é a grande potência. Temos outras potências, claro, tem o próprio Brasil que é uma boa potência, a Alemanha cresceu muito, o Japão, a Noruega, a Dinamarca que são países que a gente sabe que tem uma história. Mas os Estados Unidos é uma força de muito tempo, e a gente sabe que lá tem possibilidade de um campo maior para mulheres trabalhar como treinadoras, como membro de uma comissão técnica; existe uma porta maior e mais fácil, então, a minha ideia é exatamente eu ir para lá, aperfeiçoar o meu inglês, ter uma fluência na língua para poder buscar novos caminhos, novos clubes, novos horizontes, eu quero poder buscar um grande clube, de repente não nos Estados Unidos, mas para a gente poder trabalhar com o futebol feminino hoje, tu tem que ter a língua universal, e qual é a língua universal? É o inglês. Então o meu primeiro momento está sendo esse caminho dentro de um clube pequeno, mas que vai me dar o que eu quero hoje, que é a fluência. Tendo a fluência no inglês eu acho que eu vou conseguir ir para a sequência dos meus objetivos, para o segundo degrau, que é buscar um clube mais organizado, um clube maior e poder trabalhar efetivamente como treinadora dentro do país do futebol feminino.

P.J. – Então Tati, queria te agradecer e desejar sorte lá nos Estados Unidos. Que tu consigas alcançar os teus objetivos, e mais uma vez, o que puder contar conosco...

T.S. – Tá certo.

P.J. – Não sei se tu gostarias de comentar mais alguma coisa que tu não lembrou.

T.S. – Não, acho que não.

P.J. – Se quisesse falar mais alguma coisa a respeito...

T.S. – Não, tranquilo, eu acho que é mais para falar da parte pessoal mesmo, não vou entrar em detalhes já. A gente passa por tanta dificuldade, mas não é esse o objetivo, eu acho que todo mundo fala que o futebol feminino não tem espaço. Tem, eu trabalho com isso e eu estou muito bem com o meu trabalho sabe. “Ah, mas aí tu não ganha...”. Não, eu estou estudando, eu acho que as pessoas radicalizam demais o futebol feminino e o profissional de educação física, todo mundo tem que trabalhar em uma academia, duas academias, na escola, isso é com qualquer um, e porque que o treinador do futebol feminino vai ser diferente? Eu não vejo o futebol feminino como um caminho ruim, não é, só que tu tem que fazer um bom trabalho, tu tem que manter a transparência e a dificuldade vai vim, e como vem em qualquer, a gente vê tanta academia fechando, porque que fecha? Ah, sei lá, troca escola para escola, hoje eu estou em uma escola particular, é bacana é tudo, mas daqui a pouco eu vou querer outra escola que seja melhor; é claro que eu vou querer, então eu não vejo o futebol feminino como uma... Tem preconceito, tem. Mas hoje, de quando eu comecei a jogar, não tem nem comparação. A porta aberta que tem, de repente o caminho é mais lento, pode ser, acredito que sim, e vivencio isso, mas eu não estou fechando a escolinha porque está ruim; eu larguei a ULBRA agora também o futsal, que eu treinava a ULBRA, porque eu estou buscando uma outra coisa melhor, se eu ficasse aqui é claro que o Grêmio ia continuar, que a ULBRA ia continuar, que tudo ia continuar, e eu ia continuar buscando as minhas melhorias para aquilo que eu quero. Mas as pessoas generalizam muito, então eu não quero entrar em detalhes. “Ah, porque a federação, porque a associação que não, não, não”. Tem? Tem, é só querer, eu vejo, olha tudo o que vocês fizeram aqui aquele dia<sup>41</sup>, quanta menina jogando.

P.J. – Quase trezentas.

---

<sup>41</sup> Referência ao festival de futebol feminino promovido pelo Centro de Memória do Esporte no Dia 8 de março de 2014 realizado na Escola de Educação Física da UFRGS.

T.S. – Muita gente. Ah, projeto social, ai as minhas alunas lá no meio com o time do bairro delas, porque claro que no Grêmio a gente consegue pegar, quem é que te procura, quem tem mais qualidade, ou quem tem o poder financeiro maior, mas a gente... Ali a gente viu quantos grupos formados, ai eu vou de novo: “Ah, se a federação apoiasse?” Podia fazer um campeonato gigante aqui porque a gente viu que pessoas envolvidas estão dispostas a trabalhar, tem atleta de monte, falta o incentivo? Falta, mas mesmo sem incentivo tu consegue buscar outros caminhos, então, isso que eu fico, eu leio cada coisa que eu fico louca. Vai atrás, não fica parado esperando cair do céu que o Grêmio vai... Eu sabia que o Grêmio não ia dar nada. Por exemplo, quando a gente sentou lá no Grêmio, eles falaram “Ó, a gente não vai dar dinheiro, a gente vai dar o nome, vai poder liberar o campo, quando tiver jogo joga no Cristal, mas é isso aqui, o contrato está aqui, tu quer assinar?” “Quero!”. Então a gente já sabia, melhorou muita coisa? Pô, melhorou... A gente consegue às vezes um patrocínio, não é o que a gente esperava, mas tu vai brigar, vai lutar. Ai agora tem os projetos de lei de incentivo, eu criei uma associação, hoje eu sou presidente da Associação Desportiva Porto Alegrense que vai poder se credenciar todas essas leis de incentivo e isso acontece com qualquer um que queira fazer... Vou esperar agora, vou para os Estados Unidos, vou buscar mais ideias, eu quero continuar estudando, existe a possibilidade de eu conseguir fazer uma especialização ou um mestrado sendo auxiliar de uma equipe, entendeu, isso eu já pesquisei. Que às vezes eles não te dão, não pagam um salário muito alto, mas eles te dão uma ajuda de custo como se dá para os atletas que ganham bolsa das as faculdades americana. Só que se tu já é graduado e quer buscar uma especialização, um mestrado, um doutorado, quem já é mais, tu pode participar da comissão técnica e ter esse benefício em uma grande universidade, só que isso ninguém fala. Se tu não vai atrás do que tu quer, porque eu quero continuar estudando... Já fiz todos esses cursos que tem ai, fiz todos”. Sindicato dos Treinadores de Futebol de Campo, Sindicato de Futsal, curso de arbitragem, especialização aqui na UFRGS que eu fiz A ciência aplicada ao Futebol e Futsal... Foi fantástico, só que tu não pode parar, a gente vê isso pelos treinadores profissionais, os caras estão sempre dando cursos, dando palestra, criando ferramentas de *software* para como é que dar o treino, montar exercícios, e tudo isso é conhecimento, então o que eu quero dizer assim: Dá? Dá, só que tem que trabalhar tanto quanto qualquer outra profissão. Acho que não dá pra deixar, não vai cair do céu, não vai. Claro que o clube podia colaborar mais, o clube e a federação, cada um puxa para um lado, os dois querem benefício, mas ninguém quer fazer. E por enquanto a gente ainda não teve uma pessoa que

tivesse a credibilidade para fazer isso. A gente já viu e o futebol feminino realmente precisa de mais incentivo do que o masculino; o masculino tem por si só um *marketing*. A gente não vende ainda a menina mas eu penso pelo caminho do *marketing*; o time de futebol feminino pode ter uma visibilidade de *marketing* para aquela instituição e a gente está tentando por esses outros lados mostrar que a menina pode ser feminina e jogar futebol, que não existe mais dentro do futebol feminino essa coisa de; “A menina que joga ela é masculinizada”. Não! As meninas... Tu vai para o vestiário tem que tirar brinco, tem que tirar a pulseira... O jogo está marcado para as dez tu tem que marcar duas horas antes para ela arrumar o cabelo, para ela passar o cremezinho e antes a sociedade tinha muito um pré conceito de quem joga bola tem o cabelo curto, anda igual a um menino.... Hoje não, hoje a gente tem o futsal em todas as escolas e as meninas não deixam nada a desejar do que uma outra que faça handebol, que faça vôlei, esporte ou dança e isso foi uma coisa boa, então a gente tem que usar isso ao nosso favor, não de uma maneira vulgar, mas de uma maneira de mostrar que a mulher pode sim buscar dentro do esporte uma valorização da sua profissão. Eu acho que é isso.

P.J. – Tati, em nome do Centro de Memória do Esporte eu agradeço a entrevista.

T.S. – Eu que te agradeço.

[FINAL DO DEPOIMENTO]